Índice

Prefácio a *Criança Queimada* 7

Criança Queimada
Apagar uma vela 17
Carta de fevereiro 43
Prelúdio de um sonho 49
Carta de março 67
Passeios ao anoitecer 73
Carta de abril 97
Chá para quatro ou cinco 105
Carta em maio 129
Pegadas debaixo de água 139
Carta a uma rapariga 167
Encontro ao cair da noite 171
Carta para uma ilha 183
Um tigre e uma gazela 191
Carta do filho ao pai 211
Às três horas 217
Uma carta de despedida rasgada em pedacinhos 237
Quando o deserto floresce 241

Apagar uma vela

Uma mulher vai a sepultar às duas horas e, às onze e meia, está o viúvo na cozinha, diante do espelho rachado por cima do lava-loiça. Não chorou muito, mas passou longas horas acordado e tem os olhos raiados de vermelho. Enverga uma camisa branca e lustrosa, e as suas calças exalam ainda um vapor leve, porque acabaram de ser engomadas. Enquanto a irmã mais nova lhe ajusta o colarinho branco e duro atrás da nuca e lhe passa o laço branco por trás do pescoço, com tanta ternura que parece uma carícia, o viúvo debruça-se sobre o lava-loiça e fita os próprios olhos. Depois passa-lhes a mão por cima, como se para limpar uma lágrima, mas as costas da mão permanecem secas. A irmã mais nova, que é a irmã bonita, mantém a mão, imóvel, sob o seu pescoço. O laço brilha, branco como a neve sobre a pele vermelha. Furtivamente, acaricia-lhe a mão. A irmã bonita é a irmã que ele ama. Ama a que é bonita. A esposa era feia e estava doente. Por isso, não chorou.

A irmã feia está ao fogão. O gás silva. A tampa da cafeteira reluzente salta. Com os dedos vermelhos, tateia os botões para apagar o lume. Está na cidade há doze anos, mas ainda não aprendeu a mexer nos botões dos bicos a gás. Usa óculos de aros pretos e, quando quer olhar alguém nos olhos, inclina-se para a frente e fixa

o olhar de uma forma muito pouco conveniente neste meio urbano. Por fim, encontra o botão certo e roda-o.

— Será que se deve usar laço branco num funeral?

É a irmã bonita que pergunta. O viúvo remexe nos botões de punho. Tem sapatos pretos compridos e, quando, de repente, se põe na ponta dos pés, os sapatos estalam. A irmã feia volta-se rapidamente para trás, como se alguém a estivesse a atacar.

— Claro que se usa branco em funerais! Sei-o muito bem desde o do cônsul!

Depois cerra os lábios. Atrás dos óculos pestanejam os olhos, como se estivessem com medo. Talvez estejam. Ela sabe tudo sobre funerais. Mas quase nada sobre casamentos. A irmã bonita sorri e continua as experiências e as carícias. A feia muda um vaso com flores brancas, de luto, da mesa para a bancada. O viúvo vê-se de novo ao espelho e repara, de súbito, que está a sorrir. Fecha os olhos e inspira o cheiro da cozinha. Desde que se lembra, os funerais cheiram a café e a irmãs transpiradas.

Mas é também uma mãe que vai ser sepultada, e o filho tem vinte anos e é um zé-ninguém. Agora, está sozinho debaixo do candeeiro de teto, na sala cheia de gente. Tem os olhos um pouco inchados. Lavou-os com água por ter chorado de noite, e acredita que não se nota. Mas na verdade nota-se tudo e, por isso, os convidados do funeral deixaram-no sozinho. Não por consideração, mas por medo, pois o mundo teme quem chora.

Durante algum tempo, fica completamente imóvel: nem mexe nos punhos, nem puxa a faixa de luto. O relógio de pêndulo dourado, a prenda dos seus cinquenta anos, dá uma pancada muito, muito leve. Os convidados estão a falar junto às janelas. Têm véus de luto sobre as vozes, mas alguém da família do pai batuca uma marcha, com os nós dos dedos, contra o peitoril da janela. São nós dos dedos duros, e ele deseja que se calem. No entanto, não se calam. Depois alguém que veio do campo liga o rádio, apesar de ainda não ser meio-dia. O rádio fica a zumbir, mas ninguém tem a presença de espírito de o desligar.

A luz de janeiro entra silenciosamente na sala e reflete-se em todos os sapatos reluzentes, que rangem a cada passo. No meio da sala, debaixo do candeeiro, há um novo vazio, um espaço enorme, e ali está ele, sozinho, a ver e a ouvir tudo, pese embora esteja noutro lugar. Antes de a mãe morrer e de ficar sozinho, estava ali uma longa mesa de carvalho, mas essa mesa está agora junto à janela. Tem uma toalha branca estendida por cima, e sobre a toalha estão copos e garrafas com vinho escuro, e quinze chávenas brancas e frágeis, e um grande bolo castanho que é doce, mas que terá um travo amargo. Por trás das garrafas, no próprio parapeito da janela, está agora o retrato da mãe com uma pesada moldura preta. Está enfeitado com verduras, com a cara vegetação de janeiro. Enquanto preparam o café do funeral e o pastor se barbeia na casa paroquial e, na garagem, se enchem os depósitos dos carros fúnebres, os onze convidados reúnem-se à volta da mesa e à volta da imagem da falecida. É um retrato dela em nova, e o seu cabelo pesado, ainda espesso e escuro, pousa-lhe sobre a fronte lisa. Os dentes que se vislumbram entre os lábios arredondados são de uma alvura imaculada e sem cáries.

— Nessa fotografia, ela tinha vinte e cinco — diz um dos convidados.

— Vinte e seis — corrige outro.

— A Alma era bonita em nova.

— Sim, a Alma era bonita.

— Sim, em nova era bonita.

— É então que uma pessoa se apercebe de que o Knut, de que o Knut… hum …

Depois lembram-se do filho, que está ali, na sala, a ouvir.

— Ela tinha um cabelo bonito — acrescenta alguém. Demasiado depressa.

— Nessa altura, já devia estar grávida da menina.

— Oh, ela teve uma menina?

— Teve. Mas morreu.

— Pequenina?

— Tinha um ano. E depois tiveram os dois o rapaz. Mas aí já eram casados.

Então, lembram-se novamente dele e, desta vez, calam-se. Alguém saca de um grande lenço branco e assoa-se. Desligam o rádio, por fim. Depois, afastam-se com pequenos passos rangentes, porque o café está quase a ser servido. É a tia bondosa, aquela de quem ele gosta, por ter chorado por detrás dos óculos, que traz a cafeteira. Ergue-a alto e dignamente, como um castiçal, e transpira no seu vestido preto e apertado. Atrás vem a tia nova. Tem meias de seda pretas, e os homens na sala esquecem-se das circunstâncias e notam que tem pernas bonitas. Sorri a alguém por causa de um olhar. Ela não chorou.

Por último, vem o pai. Caminha devagar e com o olhar baixo, e vai para junto do filho. Todos se calam e viram na sua direção. O sujeito que tamborilou uma marcha na vidraça também se cala. De resto, o pai também está calado. Estão no meio da sala, calados e sozinhos. As suas mãos encontram-se e os seus braços encontram-se. Depois, os seus peitos encontram-se. Por fim, encontram-se os seus olhos. Não por muito tempo, mas o suficiente para que ambos possam ver quem chorou e quem está seco.

— Não chores, rapaz — diz o pai.

Disse-o a meia-voz, mas todos o ouviram. Um dos convidados soluça: muito brevemente, é claro. Os sapatos rangem e alguns vestidos farfalham, como passos em folhas secas. O braço do pai é duro como pedra.

— Não chores, rapaz — diz, mais uma vez.

Então, o filho desprende-se lentamente daquele que não chorou. Sozinho, percorre o longo caminho desde o lugar debaixo do candeeiro até à mesa com as chávenas fumegantes e os copos cheios até à borda. Alguém que está no caminho desvia-se timidamente. Sem tremer, ergue uma chávena, depois um copo, e volta-se devagar.

O pai fica onde está. O seu braço duro pende, como se ferido, do lado direito. Curva a cabeça devagar e dobra uma das orelhas vermelhas contra a maçã do rosto. Mas só quando o sol irrompe pelas janelas é que o filho nota que os olhos do pai ficam subitamente brilhantes. Nesse instante, entorna algumas gotas de vinho escuro e amargo no chão, entre os seus sapatos.

Antes de os carros chegarem, juntam-se em grupos espalhados pelos diferentes locais da sala. Quatro elementos com copos nas mãos estão debaixo do relógio de pêndulo, que está a bater as horas. Bebem pequenos goles quando ninguém vê. São pessoas do campo, parentes do viúvo, que só veem em casamentos e funerais. As suas roupas cheiram a traça. Olham para o relógio caro. Depois, olham uns para os outros. Olham para a enciclopédia cara, cujas lombadas de couro brilham por detrás do vidro da estante. Depois, entreolham-se e bebem um gole. De repente, sussurram com os lábios soltos pelo café e pelo vinho. Nunca gostaram da morta.

Debaixo do candeeiro estão as irmãs com os quatro amigos do pai, que se dispuseram a sair do trabalho a meio desta manhã de segunda-feira para participarem no funeral. Provavelmente esperavam mais, mas nem os que vieram gostavam da falecida. No entanto, falam dela, durante algum tempo, em voz baixa e pesarosa. Depois falam de outra coisa qualquer. Mas as suas vozes continuam iguais.

Junto a uma das janelas estão o viúvo e o filho com três dos vizinhos mais próximos. São duas mulheres, que estão contentes por terem um dia diferente, para saírem um pouco do ramerrame habitual, e um homem que está de baixa médica. Mais perto da janela está o filho. Pousou o copo e a chávena no parapeito, entre dois vasos de flores. Sabe que os vizinhos não gostavam da mãe. Por isso, não os quer ouvir. No entanto, o que está de baixa médica fala da sua doença. As duas vizinhas falam de outras doenças. O viúvo fala da doença da falecida. Tinha o coração fraco e estava inchada de água. Falam, num fio de voz, de corações frágeis e de água.